

Resolução nº 1 da Comissão Interministerial de Mudança Global do Clima

A Comissão Interministerial de Mudança Global do Clima,

Lembrando o objetivo final da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima de alcançar a estabilização das concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera num nível que impeça uma interferência antrópica perigosa no sistema climático,

Lembrando ainda que esse nível deve ser alcançado num prazo suficiente que permita aos ecossistemas adaptarem-se naturalmente à mudança do clima, que assegure que a produção de alimentos não seja ameaçada e que permita ao desenvolvimento econômico prosseguir de maneira sustentada,

Reafirmando os princípios da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, especialmente o Artigo 3.2, segundo o qual a promoção do desenvolvimento sustentável é um direito e um dever das Partes signatárias desta Convenção, e que as políticas e medidas para proteger o sistema climático contra mudanças induzidas pelo homem devem ser adequadas às condições específicas de cada Parte e devem ser integradas aos programas nacionais de desenvolvimento, levando em conta que o desenvolvimento econômico é essencial à adoção de medidas para enfrentar a mudança do clima,

Reafirmando também o Artigo 12.2 do Protocolo de Quioto que estabelece que o objetivo do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo deve ser assistir aos países em desenvolvimento para que atinjam o desenvolvimento sustentável e contribuam para o objetivo final da Convenção,

Observando a Declaração Ministerial de Delhi sobre Mudança do Clima e Desenvolvimento Sustentável,

Considerando a necessidade de obediência estrita à legislação brasileira, no âmbito da qual está previsto um processo de consulta pública aos agentes afetados direta e indiretamente pelas atividades de projeto,

Considerando ainda a necessidade de obediência estrita à legislação trabalhista brasileira, em consonância com a Convenção 182 da Organização Internacional do Trabalho sobre a Proibição das Piores Formas de Trabalho Infantil e Ação Imediata para a sua Eliminação,

Convém no seguinte,

Art. 1º Ficam aprovados as modalidades e os procedimentos para o mecanismo de desenvolvimento limpo no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, na forma do Anexo I.

Art. 2º A apreciação e aprovação das atividades de projeto no âmbito do mecanismo de desenvolvimento limpo é atribuição da Comissão Interministerial de

Mudança Global do Clima, que é a Autoridade Nacional Designada para efeitos do mecanismo de desenvolvimento limpo, em conformidade com o artigo 3º, inciso IV, do decreto de 7 de julho de 1999.

Art. 3º Com vistas a obter a aprovação das atividades de projeto no âmbito do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo, os proponentes do projeto deverão enviar à Secretaria Executiva da Comissão Interministerial de Mudança Global do Clima, em meio eletrônico e impresso:

I – o documento de concepção do projeto na forma do Anexo II e na forma determinada pelo Conselho Executivo do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima. Adicionalmente, como elemento informativo à Comissão Interministerial de Mudança Global do Clima, deve constar no documento de concepção do projeto uma descrição da contribuição da atividade de projeto para o desenvolvimento sustentável de acordo com o Anexo III à esta resolução e em conformidade com o Artigo 12.2 do Protocolo de Quioto à Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima.

II – as cópias dos convites de comentários enviado pelos proponentes do projeto aos seguintes agentes envolvidos e afetados pelas atividades de projeto de acordo com o alínea b do parágrafo 37 do Anexo I referido no Art. 1º, identificando os destinatários:

- Prefeitura e Câmara dos vereadores
- Órgãos Ambientais Estadual e Municipal;
- Fórum Brasileiro de ONG's;
- Associações comunitárias.
- Ministério Público;

III – o relatório de Entidade Operacional Designada, autorizada a operar no país conforme o art. 4º, de validação da atividade de projeto na forma a ser submetida ao Conselho Executivo do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima e em português.

IV – uma declaração assinada por todos os participantes do projeto estipulando o responsável e o modo de comunicação com a secretaria executiva da Comissão Interministerial de Mudança Global do Clima e termo de compromisso do envio de documento de distribuição das unidades de redução certificada de emissões que vierem a ser emitidas a cada verificação das atividades do projeto para certificação;

V - os documentos que assegurem a conformidade da atividade de projeto com a legislação ambiental e trabalhista em vigor, quando for o caso.

Art. 4º A validação e a verificação/certificação dos projetos no âmbito do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo deverá ser feita por Entidade Operacional Designada que:

I – seja credenciada junto ao Conselho Executivo do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, e

II – esteja plenamente estabelecida em território nacional e tenha capacidade de assegurar o cumprimento dos requerimentos pertinentes da legislação brasileira.

Art. 5º A Secretaria Executiva da Comissão Interministerial de Mudança Global do Clima deverá tornar público em meio eletrônico, o documento descrito no item I do art. 3º.

Art. 6º A Comissão Interministerial de Mudança Global do Clima deverá proferir decisão final sobre o pedido de aprovação das atividades de projeto propostas no âmbito do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo até 60 (sessenta) dias após a data da primeira reunião ordinária da Comissão subsequente ao recebimento dos documentos mencionados no art. 3º pela Secretaria Executiva da Comissão.

Art. 7º A Secretaria Executiva da Comissão Interministerial deverá desenvolver e manter uma base de dados, acessível ao público de todas as atividades de projetos propostos no âmbito do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo, contendo informações sobre os documentos de concepção de projetos e o parecer que baseou a decisão final da Comissão, bem como relatórios de validação e verificação das reduções de emissões das atividades de projetos aprovados.

Art. 8º As informações obtidas dos participantes de atividade de projeto do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo identificadas como proprietárias ou confidenciais e que sejam protegidas pela legislação não devem ser divulgadas sem o consentimento por escrito do provedor das informações, com exceção daquelas cuja publicação seja exigida por lei ou de acordo com o alínea h do parágrafo 27 do Anexo I referido no Art. 1º.

Art. 9º Até que seja promulgado o Protocolo de Quioto, a decisão final de que trata o art. 6º subsidiará a emissão de carta de aprovação nos termos da alínea a do parágrafo 40 do Anexo I referido no art. 1º, em que conste o seu caráter condicional.

ANEXO I

Modalidades e procedimentos para um Mecanismo de Desenvolvimento Limpo

A. Definições

1. Para os fins do presente anexo, aplicam-se as definições contidas no Artigo 1 e as disposições do Artigo 14 do Protocolo de Quioto (PQ) à Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (CQNUMC). Além disso:

(a) Uma “unidade de redução de emissão” ou “URE” é uma unidade emitida em conformidade com as disposições pertinentes do anexo à decisão preliminar da 1ª Conferência das Partes na qualidade de Reunião das Partes no Protocolo de Quioto (decisão -/CMP.1 - *Modalidades para a contabilização das quantidades atribuídas*) e é igual a uma tonelada métrica equivalente de dióxido de carbono, calculada com o uso dos potenciais de aquecimento global, definidos na decisão 2 da 3ª Conferência das Partes na CQNUMC (decisão 2/CP.3) ou conforme revisados subseqüentemente de acordo com o Artigo 5 do Protocolo de Quioto;

(b) Uma “redução certificada de emissão” ou “RCE” é uma unidade emitida em conformidade com o Artigo 12 do Protocolo de Quioto e os seus requisitos, bem como as disposições pertinentes destas modalidades e procedimentos, e é igual a uma tonelada métrica equivalente de dióxido de carbono, calculada com o uso dos potenciais de aquecimento global, definidos na decisão 2/CP.3 ou conforme revisados subseqüentemente de acordo com o Artigo 5 do Protocolo de Quioto;

(c) Uma “unidade de quantidade atribuída” ou “UQA” é uma unidade emitida em conformidade com as disposições pertinentes do anexo à decisão -/CMP.1 (*Modalidades para a contabilização das quantidades atribuídas*) e é igual a uma tonelada métrica equivalente de dióxido de carbono, calculada com o uso dos potenciais de aquecimento global, definidos na decisão 2/CP.3 ou conforme revisados subseqüentemente de acordo com o Artigo 5 do Protocolo de Quioto;

(d) Uma “unidade de remoção” ou “URM” é uma unidade emitida em conformidade com as disposições pertinentes do anexo à decisão -/CMP.1 (*Modalidades para a contabilização das quantidades atribuídas*) e é igual a uma tonelada métrica equivalente de dióxido de carbono, calculada com o uso dos potenciais de aquecimento global, definidos na decisão 2/CP.3 ou conforme revisados subseqüentemente de acordo com o Artigo 5 do Protocolo de Quioto;

(e) “Atores” significa o público, incluindo os indivíduos, os grupos ou as comunidades afetados, ou com possibilidade de serem afetados, pela atividade de projeto do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo.

B. Papel da Conferência das Partes, na qualidade de reunião das Partes no Protocolo de Quioto

2. A Conferência das Partes, na qualidade de reunião das Partes no Protocolo de Quioto (COP/MOP), deve manter o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL) sob sua autoridade e sujeito às suas orientações.

3. A COP/MOP deve orientar o Conselho Executivo do MDL, adotando decisões sobre:
 - (a) As recomendações feitas pelo Conselho Executivo sobre suas regras de procedimento;
 - (b) As recomendações feitas pelo Conselho Executivo, de acordo com as disposições da decisão 17 da 7ª Conferência das Partes na CQNUMC (17/CP.7), o presente anexo e as decisões pertinentes da COP/MOP;
 - (c) A designação das Entidades Operacionais credenciadas pelo Conselho Executivo, de acordo com o Artigo 12, parágrafo 5, do Protocolo de Quioto e os padrões de credenciamento contidos no Apêndice A abaixo.
4. A COP/MOP deve, ainda:
 - (a) Rever os relatórios anuais do Conselho Executivo;
 - (b) Rever a distribuição regional e subregional das Entidades Operacionais Designadas e tomar as decisões adequadas para promover o credenciamento dessas Entidades das Partes países em desenvolvimento¹;
 - (c) Rever a distribuição regional e subregional das atividades de projeto do MDL, com vistas a identificar barreiras sistemáticas ou sistêmicas a sua distribuição equitativa e tomar as decisões adequadas, com base, *inter alia*, em um relatório do Conselho Executivo;
 - (d) Auxiliar na obtenção de financiamento para as atividades de projeto do MDL, conforme necessário.

C. Conselho Executivo

5. O Conselho Executivo deve supervisionar o MDL, sob a autoridade e a orientação da COP/MOP e responder completamente à COP/MOP. Nesse contexto, o Conselho Executivo deve:
 - (a) Fazer recomendações à COP/MOP sobre modalidades e procedimentos adicionais para o MDL, conforme o caso;
 - (b) Fazer recomendações à COP/MOP sobre quaisquer emendas ou adições às regras de procedimento para o Conselho Executivo contidas no presente anexo, conforme o caso;
 - (c) Relatar suas atividades em cada sessão da COP/MOP;
 - (d) Aprovar novas metodologias relacionadas, *inter alia*, com linhas de base, planos de monitoramento e limites de projeto, de acordo com as disposições do Apêndice C abaixo;
 - (e) Rever as disposições com relação às modalidades, aos procedimentos e às definições simplificados de atividades de projeto de pequena escala e fazer recomendações à COP/MOP;

(f) Ser responsável pelo credenciamento das Entidades Operacionais, de acordo com os padrões de credenciamento contidos no Apêndice A abaixo, e fazer recomendações à COP/MOP para a designação das Entidades Operacionais, de acordo com o Artigo 12, parágrafo 5, do Protocolo de Quioto. Essa responsabilidade abrange:

(i) Decisões sobre recredenciamento, suspensão e retirada de credenciamento;

(ii) Operacionalização dos procedimentos e padrões de credenciamento;

(g) Rever os padrões de credenciamento do Apêndice A abaixo e fazer recomendações para consideração da COP/MOP, conforme o caso;

(h) Relatar à COP/MOP sobre a distribuição regional e subregional das atividades de projeto do MDL, com vistas à identificação de barreiras sistemáticas ou sistêmicas à sua distribuição equitativa;

(i) Tornar públicas informações pertinentes, submetidas com esse fim, sobre as atividades de projeto do MDL que necessitem de financiamento e sobre investidores que estejam buscando oportunidades, para auxiliar na obtenção de financiamento para as atividades de projeto do MDL, conforme necessário;

(j) Disponibilizar ao público qualquer relatório técnico comissionado e fornecer um período de pelo menos oito semanas para o recebimento de comentários do público sobre as metodologias e orientações preliminares, antes que os documentos sejam finalizados e qualquer recomendação submetida à consideração da COP/MOP;

(k) Desenvolver, manter e tornar público o acervo de regras, procedimentos, metodologias e padrões aprovados;

(l) Desenvolver e manter o registro do MDL, conforme definido no Apêndice D abaixo;

(m) Desenvolver e manter uma base de dados, acessível ao público, de atividades de projeto do MDL, contendo informações sobre os documentos registrados de concepção do projeto, comentários recebidos, relatórios de verificação, suas decisões, bem como informações sobre todas as RCEs emitidas;

(n) Tratar das questões relativas à observância das modalidades e dos procedimentos do MDL pelos participantes dos projetos e/ou pelas Entidades Operacionais, e relatá-las à COP/MOP;

(o) Elaborar e recomendar para a adoção da COP/MOP, em sua próxima sessão, procedimentos para conduzir as revisões mencionadas nos parágrafos 41 e 65 abaixo, incluindo, *inter alia*, procedimentos para facilitar a consideração das informações enviadas pelas Partes, atores e observadores credenciados da CQNUMC. Até sua adoção pela COP/MOP, os procedimentos devem ser empregados em caráter provisório;

(p) Realizar qualquer outra função a ele atribuída na decisão 17/CP.7, no presente anexo e nas decisões pertinentes da COP/MOP.

6. As informações obtidas dos participantes de projeto do MDL identificadas como proprietárias ou confidenciais não devem ser divulgadas sem o consentimento por escrito do provedor das informações, com exceção daquelas exigidas pela lei nacional. As informações utilizadas para determinar a adicionalidade, conforme definido no parágrafo 43 abaixo, para descrever a metodologia da linha de base e sua aplicação e para embasar uma avaliação de impacto ambiental, mencionada no parágrafo 37(c), não devem ser consideradas proprietárias ou confidenciais.

7. O Conselho Executivo deve ser constituído por dez membros das Partes no Protocolo de Quioto, da seguinte forma: um membro de cada um dos cinco grupos regionais das Nações Unidas, dois membros das Partes incluídas no Anexo I da CQNUMC (países desenvolvidos), dois membros das Partes não incluídas no Anexo I da CQNUMC (países em desenvolvimento) e um representante dos pequenos Estados insulares em desenvolvimento, levando em conta a prática corrente do *Bureau* da Conferência das Partes na CQNUMC.

8. Os membros, incluindo os membros suplentes, do Conselho Executivo devem:

(a) Ser nomeados pelas constituintes pertinentes mencionadas no parágrafo 7 acima e eleitos pela COP/MOP. As vagas devem ser preenchidas da mesma forma;

(b) Ser eleitos para um período de dois anos, permanecendo elegíveis para o máximo de dois mandatos consecutivos. Os mandatos como suplentes não contam. Cinco membros e cinco suplentes devem ser eleitos inicialmente para um mandato de três anos e cinco membros e cinco suplentes, para um mandato de dois anos. Portanto, a COP/MOP deve eleger, a cada ano, cinco novos membros e cinco novos suplentes para um mandato de dois anos. A indicação, em conformidade com o parágrafo 11 abaixo, deve contar como um mandato. Os membros e suplentes devem permanecer no cargo até que seus sucessores sejam eleitos;

(c) Possuir conhecimentos especializados técnicos e/ou políticos adequados e atuar com base em sua capacidade pessoal. O custo da participação dos membros e suplentes das Partes países em desenvolvimento e de outras Partes elegíveis no âmbito da prática da CQNUMC deve ser previsto no orçamento do Conselho Executivo;

(d) Seguir as regras de procedimento do Conselho Executivo;

(e) Fazer um juramento de serviço por escrito, tendo por testemunha o Secretário Executivo da CQNUMC ou seu representante autorizado, antes de assumir suas funções;

(f) Ser isento de interesses pecuniários ou financeiros em relação a qualquer aspecto de uma atividade de projeto do MDL ou qualquer Entidade Operacional Designada;

(g) Investidos de suas responsabilidades perante o Conselho Executivo, manter segredo de qualquer informação confidencial ou proprietária que lhes venham ao conhecimento na execução de suas funções no Conselho Executivo. O dever do membro e do suplente de não divulgar informações confidenciais constitui uma obrigação e assim deve permanecer após o término ou rescisão do mandato desse membro no Conselho Executivo.

9. A COP/MOP deve eleger um suplente para cada membro do Conselho Executivo com base nos critérios dos parágrafos 7 e 8 acima. A nomeação de um candidato a membro, por uma constituinte, deve ser seguida de uma nomeação de um candidato a suplente da mesma constituinte.

10. O Conselho Executivo pode suspender e recomendar à COP/MOP a rescisão do mandato de um determinado membro ou suplente por razões que incluam, *inter alia*, a quebra das disposições de conflito de interesses, a quebra das disposições de confidencialidade ou o não comparecimento a duas reuniões consecutivas do Conselho Executivo sem a devida justificativa.
11. Caso um membro ou suplente do Conselho Executivo renuncie ou esteja incapacitado de concluir o seu mandato ou desempenhar suas funções, o Conselho Executivo pode decidir, tendo em mente a proximidade da sessão seguinte da COP/MOP, indicar outro membro ou suplente da mesma constituinte para substituir o referido membro no restante do seu mandato.
12. O Conselho Executivo deve eleger seus próprios presidente e vice-presidente, de modo que um seja um membro de uma Parte incluída no Anexo I da CQNUMC e o outro de uma Parte não incluída no Anexo I da CQNUMC. Os cargos de presidente e vice-presidente devem alternar-se anualmente entre um membro de uma Parte incluída no Anexo I da CQNUMC e um membro de uma Parte não incluída no Anexo I da CQNUMC.
13. O Conselho Executivo deve reunir-se conforme suas necessidades mas não menos do que três vezes por ano, tendo em mente as disposições do parágrafo 41 abaixo. Toda a documentação para as reuniões do Conselho Executivo deve ser disponibilizada aos membros suplentes.
14. Pelo menos dois terços dos membros do Conselho Executivo, que representem a maioria dos membros das Partes incluídas no Anexo I da CQNUMC e a maioria dos membros das Partes não incluídas no Anexo I da CQNUMC, devem estar presentes para a constituição do quorum.
15. As decisões do Conselho Executivo devem ser tomadas por consenso sempre que possível. Uma vez exauridos todos os esforços para se chegar a um consenso sem que se tenha chegado a um acordo, as decisões devem ser tomadas por maioria de três quartos dos membros presentes e votantes na reunião. Os membros que se abstiverem do voto serão considerados não votantes.
16. As reuniões do Conselho Executivo devem estar abertas à participação, como observadores, de todas as Partes e de todos os observadores e atores credenciados pela CQNUMC, exceto se decidido de outra forma pelo Conselho Executivo.
17. O texto integral de todas as decisões do Conselho Executivo deve ser tornado público. O idioma de trabalho do Conselho Executivo deve ser o inglês. As decisões devem ser disponibilizadas nas seis línguas oficiais das Nações Unidas.
18. O Conselho Executivo pode estabelecer comitês, painéis ou grupos de trabalho para auxiliá-lo no desempenho de suas funções. O Conselho Executivo deve fazer uso do conhecimento especializado necessário para o desempenho de suas funções, recorrendo, inclusive, à lista de especialistas da CQNUMC. Nesse contexto, deve levar plenamente em conta a consideração do equilíbrio regional.
19. O Secretariado da CQNUMC deve prestar serviços ao Conselho Executivo.

D. Credenciamento e designação das Entidades Operacionais

20. O Conselho Executivo deve:
- (a) Credenciar as Entidades Operacionais que atendam os padrões de credenciamento contidos no Apêndice A abaixo;
 - (b) Recomendar a designação das Entidades Operacionais à COP/MOP;
 - (c) Manter uma lista acessível ao público de todas as Entidades Operacionais Designadas;
 - (d) Rever se cada Entidade Operacional Designada continua atendendo os padrões de credenciamento contidos no Apêndice A abaixo e, com essa base, confirmar ou recusar o seu credenciamento a cada três anos;
 - (e) Realizar checagens surpresa em qualquer ocasião e, com base nos resultados, decidir se irá conduzir a revisão mencionada acima.
21. O Conselho Executivo pode recomendar à COP/MOP que suspenda ou retire a designação de uma Entidade Operacional Designada caso tenha realizado uma revisão e concluído que a Entidade deixou de atender os padrões de credenciamento ou as disposições aplicáveis das decisões da COP/MOP. O Conselho Executivo pode recomendar a suspensão ou retirada da designação apenas após ter sido concedida à Entidade Operacional Designada a possibilidade de uma audiência. A suspensão ou retirada tem efeito imediato, em caráter provisório, uma vez que o Conselho Executivo tenha feito uma recomendação, e permanece em vigor até a decisão final da COP/MOP. A Entidade afetada deve ser notificada, imediatamente e por escrito, tão logo o Conselho Executivo tenha recomendado sua suspensão ou retirada. A recomendação do Conselho Executivo e a decisão da COP/MOP em tal caso devem ser tornadas públicas.
22. As atividades de projeto registradas não devem ser afetadas pela suspensão ou retirada da designação de uma Entidade Operacional Designada, a menos que deficiências significativas sejam identificadas no relatório pertinente de validação, verificação ou certificação pelo qual a Entidade tenha sido responsável. Nesse caso, o Conselho Executivo deve decidir se uma outra Entidade Operacional Designada deve ser indicada para rever, e conforme o caso, corrigir tais deficiências. Caso essa revisão revele que RCEs foram emitidas em excesso, a Entidade Operacional Designada cujo credenciamento tenha sido retirado ou suspenso deve adquirir e transferir, no prazo de 30 dias a partir do final da revisão, uma quantidade de toneladas reduzidas equivalentes de dióxido de carbono correspondente às RCEs emitidas em excesso, conforme determinado pelo Conselho Executivo, para uma conta de cancelamento mantida no registro do MDL pelo Conselho Executivo.
23. Qualquer suspensão ou retirada de uma Entidade Operacional Designada que afete de forma adversa as atividades de projeto registradas deve ser recomendada pelo Conselho Executivo apenas após ter sido concedida aos participantes do projeto afetado a possibilidade de uma audiência.
24. Quaisquer custos relativos à revisão mencionada no parágrafo 22 acima devem ser incorridos pela Entidade Operacional Designada cuja designação foi retirada ou suspensa.

25. O Conselho Executivo pode buscar auxílio no desempenho das funções descritas no parágrafo 20 acima, de acordo com as disposições do parágrafo 18 acima.

E. Entidades Operacionais Designadas

26. As Entidades Operacionais Designadas devem prestar contas à COP/MOP por intermédio do Conselho Executivo e devem cumprir as modalidades e os procedimentos contidos na decisão 17/CP.7, as disposições do presente anexo e as decisões pertinentes da COP/MOP e do Conselho Executivo.

27. A Entidade Operacional Designada deve:

- (a) Validar as atividades de projeto do MDL propostas;
- (b) Verificar e certificar as reduções das emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes;
- (c) Cumprir as leis aplicáveis das Partes anfitriãs das atividades de projeto do MDL, ao realizar as funções mencionadas no subparágrafo (e) abaixo;
- (d) Demonstrar que ela e seus subcontratantes não têm conflitos de interesse reais ou potenciais com os participantes das atividades de projeto do MDL para as quais tenha sido selecionada para desempenhar funções de validação ou verificação e certificação;
- (e) Desempenhar uma das seguintes funções relativas a uma determinada atividade de projeto do MDL: validação ou verificação e certificação. Mediante solicitação, o Conselho Executivo pode, entretanto, permitir que uma única Entidade Operacional Designada realize todas essas funções dentro de uma única atividade de projeto do MDL;
- (f) Manter uma lista disponível para o público de todas as atividades de projeto do MDL para as quais tenha realizado validação, verificação e certificação;
- (g) Submeter um relatório anual de atividade ao Conselho Executivo;
- (h) Tornar públicas as informações obtidas dos participantes de projeto do MDL, conforme determinado pelo Conselho Executivo. As informações identificadas como proprietárias ou confidenciais não devem ser divulgadas sem o consentimento por escrito do provedor da informação, exceto conforme exigido pela lei nacional. As informações utilizadas para determinar a adicionalidade, conforme definido no parágrafo 43 abaixo, descrever a metodologia da linha de base e sua aplicação e embasar a avaliação de impacto ambiental, mencionada no parágrafo 37(c) abaixo, não devem ser consideradas proprietárias ou confidenciais.

F. Requisitos de participação

28. A participação em atividades de projeto do MDL é voluntária.
29. As Partes no Protocolo de Quioto que participarem do MDL devem designar uma Autoridade Nacional para o MDL.
30. Uma Parte não incluída no Anexo I da CQNUMC pode participar de uma atividade de projeto do MDL se for uma Parte no Protocolo de Quioto.

31. Sujeita às disposições do parágrafo 32 abaixo, uma Parte incluída no Anexo I da CQNUMC, com um compromisso descrito no Anexo B do Protocolo de Quioto, é elegível para a utilização de RCEs, emitidas de acordo com as disposições pertinentes, para contribuir com o cumprimento de parte de seus compromissos no âmbito do Artigo 3, parágrafo 1, do Protocolo de Quioto, desde que cumpra os seguintes requisitos de elegibilidade:

(a) Ser uma Parte no Protocolo de Quioto;

(b) Sua quantidade atribuída, em conformidade com o Artigo 3, parágrafos 7 e 8, do Protocolo de Quioto, ter sido calculada e registrada de acordo com a decisão -/CMP.1 (*Modalidades para a contabilização das quantidades atribuídas*);

(c) Manter um sistema nacional para a estimativa das emissões antrópicas por fontes e remoções antrópicas por sumidouros de todos os gases de efeito estufa não controlados pelo Protocolo de Montreal, de acordo com o Artigo 5, parágrafo 1, do Protocolo de Quioto, e os requisitos contidos nas diretrizes decididas em seu âmbito;

(d) Manter um registro nacional de acordo com o Artigo 7, parágrafo 4, do Protocolo de Quioto, e os requisitos das diretrizes decididas em seu âmbito;

(e) Ter submetido anualmente os inventários mais recentes, conforme exigido de acordo com o Artigo 5, parágrafo 2, e o Artigo 7, parágrafo 1, do Protocolo de Quioto, e os requisitos das diretrizes decididas em seu âmbito, incluindo o relatório do inventário nacional e o formato comum de relato. Para o primeiro período de compromisso, a avaliação da qualidade, necessária a fim de determinar a elegibilidade à utilização dos mecanismos, deve limitar-se às partes do inventário relativas às emissões de gases de efeito estufa por setores/categorias de fontes do Anexo A do Protocolo de Quioto e à submissão do inventário anual sobre sumidouros;

(f) Submeter as informações suplementares sobre quantidade atribuída, de acordo com o Artigo 7, parágrafo 1, do Protocolo de Quioto, e os requisitos das diretrizes decididas em seu âmbito, e fazer qualquer adição e subtração da quantidade atribuída, em conformidade com o Artigo 3, parágrafos 7 e 8, do Protocolo de Quioto, incluindo as atividades no âmbito do Artigo 3, parágrafos 3 e 4, do Protocolo de Quioto de acordo com o Artigo 7, parágrafo 4, do Protocolo de Quioto e os requisitos das diretrizes decididas em seu âmbito.

32. Deve considerar-se que uma Parte incluída no Anexo I da CQNUMC com um compromisso descrito no Anexo B do Protocolo de Quioto:

(a) Atende os requisitos de elegibilidade mencionados no parágrafo 31 acima após 16 meses a partir da submissão de seu relatório para facilitar o cálculo de sua quantidade atribuída, em conformidade com o Artigo 3, parágrafos 7 e 8, do Protocolo de Quioto e demonstra sua capacidade de contabilizar suas emissões e sua quantidade atribuída, de acordo com as modalidades adotadas para a contabilização das quantidades atribuídas no âmbito do Artigo 7, parágrafo 4, do Protocolo de Quioto, a menos que o ramo coercitivo do comitê de cumprimento considere, de acordo com a decisão 24 da 7ª Conferência das Partes na CQNUMC (24/CP.7), que a Parte não atenda esses requisitos ou, em data anterior, se o ramo coercitivo do comitê de cumprimento tenha decidido que não dará prosseguimento a qualquer questão de implementação relativa a esses requisitos, indicada nos relatórios das equipes

revisoras de especialistas, no âmbito do Artigo 8 do Protocolo de Quioto, e transmitido essa informação ao Secretariado da CQNUMC;

(b) Continua atendendo os requisitos de elegibilidade mencionados no parágrafo 31 acima, a menos, e até, que o ramo coercitivo do comitê de cumprimento decida que a Parte não atenda um ou mais dos requisitos de elegibilidade, tenha suspenso a elegibilidade da Parte e transmitido essa informação ao Secretariado da CQNUMC.

33. Uma Parte que autorizar entidades privadas e/ou públicas a participar das atividades de projeto do Artigo 12 do Protocolo de Quioto deve permanecer responsável pelo atendimento de suas obrigações perante o Protocolo de Quioto e assegurar que tal participação esteja de acordo com o presente anexo. As entidades privadas e/ou públicas somente podem transferir e adquirir RCEs se a Parte autorizadora for elegível para tanto na ocasião.

34. O Secretariado da CQNUMC deve manter listas acessíveis ao público, contendo:

(a) As Partes não incluídas no Anexo I da CQNUMC que são Partes no Protocolo de Quioto;

(b) As Partes incluídas no Anexo I da CQNUMC que não atendem os requisitos do parágrafo 31 acima ou que foram suspensas.

G. Validação e registro

35. A validação é o processo de avaliação independente de uma atividade de projeto por uma Entidade Operacional Designada, no tocante aos requisitos do MDL, conforme estabelecido na decisão 17/CP.7, no presente anexo e nas decisões pertinentes da COP/MOP, com base no documento de concepção do projeto, consoante ao disposto no Apêndice B abaixo.

36. O registro é a aceitação formal, pelo Conselho Executivo, de um projeto validado como atividade de projeto do MDL. O registro é o pré-requisito para a verificação, certificação e emissão das RCEs relativas a essa atividade de projeto.

37. A Entidade Operacional Designada selecionada pelos participantes do projeto para validar uma atividade de projeto, mediante contrato firmado entre eles, deve revisar o documento de concepção do projeto e qualquer documentação de apoio, confirmando o atendimento dos seguintes requisitos:

(a) Os requisitos de participação, conforme estabelecido nos parágrafos 28 a 30 acima, foram satisfeitos;

(b) Os comentários dos atores locais foram solicitados, um resumo dos comentários recebidos foi fornecido e um relatório à Entidade Operacional Designada sobre como foram devidamente levados em consideração esses comentários foi recebido;

(c) Os participantes do projeto submeteram à Entidade Operacional Designada documentação sobre a análise dos impactos ambientais da atividade de projeto, incluindo os impactos transfronteiriços e, caso esses impactos tenham sido considerados significativos pelos participantes do projeto ou pela Parte anfitriã, realizaram uma avaliação de impacto ambiental de acordo com os procedimentos solicitados pela Parte anfitriã;

(d) Espera-se que a atividade de projeto resulte em uma redução das emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes, que sejam adicionais a qualquer uma que ocorreria na ausência da atividade de projeto proposta, de acordo com os parágrafos 43 a 52 abaixo;

(e) As metodologias da linha de base e do monitoramento cumprem os requisitos relativos a:

(i) Metodologias aprovadas anteriormente pelo Conselho Executivo; ou

(ii) Modalidades e procedimentos para estabelecer uma nova metodologia, conforme estabelecido no parágrafo 38 abaixo;

(f) As disposições para o monitoramento, a verificação e o relato estão de acordo com a decisão 17/CP.7, o presente anexo e as decisões pertinentes da COP/MOP;

(g) A atividade de projeto está em conformidade com todos os outros requisitos das atividades de projeto do MDL contidos na decisão 17/CP.7, no presente anexo e nas decisões pertinentes da COP/MOP e do Conselho Executivo.

38. Caso a Entidade Operacional Designada determine que a atividade de projeto pretende utilizar uma nova metodologia de linha de base ou de monitoramento, conforme mencionado no parágrafo 37(e) (ii) acima, deve, antes de uma submissão para registro dessa atividade de projeto, encaminhar ao Conselho Executivo, para revisão, a metodologia proposta, juntamente com o documento preliminar de concepção do projeto, incluindo uma descrição do projeto e a identificação dos seus participantes. O Conselho Executivo deve, de forma expedita, se possível em sua próxima reunião mas no prazo máximo de quatro meses, rever a nova metodologia proposta, de acordo com as modalidades e os procedimentos do presente anexo. Tendo aprovado a nova metodologia, o Conselho Executivo deve torná-la pública, juntamente com qualquer orientação pertinente, e a Entidade Operacional Designada pode continuar com a validação da atividade de projeto e submeter o documento de concepção do projeto para registro. No caso da COP/MOP determinar a revisão de uma metodologia aprovada, nenhuma atividade de projeto do MDL poderá utilizá-la. Os participantes do projeto devem revisar a metodologia, conforme o caso, levando em consideração qualquer orientação recebida.

39. A revisão de uma metodologia deve ser realizada de acordo com as modalidades e os procedimentos para o estabelecimento de novas metodologias, conforme definido no parágrafo 38 acima. Qualquer revisão de uma metodologia aprovada deve apenas ser aplicável às atividades de projeto registradas posteriormente à data de revisão e não deve afetar as atividades de projeto registradas e existentes durante seus períodos de obtenção de créditos.

40. A Entidade Operacional Designada deve:

(a) Antes de encaminhar o relatório de validação ao Conselho Executivo, ter recebido dos participantes do projeto uma declaração por escrito de aprovação da participação voluntária da Autoridade Nacional Designada de cada Parte envolvida, incluindo a confirmação da Parte anfitriã de que a atividade de projeto contribui para a Parte atingir o desenvolvimento sustentável;

(b) De acordo com as disposições sobre confidencialidade contidas no parágrafo 27(h) acima, tornar público o documento de concepção do projeto;

(c) Receber, no prazo de 30 dias, os comentários das Partes, dos atores e das organizações não-governamentais credenciados pela CQNUMC sobre os requisitos de validação e torná-los públicos;

(d) Após a finalização do prazo para recebimento de comentários, determinar se, com base nas informações fornecidas e levando em conta os comentários recebidos, a atividade de projeto deve ser validada;

(e) Informar aos participantes do projeto sua resolução sobre a validação da atividade de projeto. A notificação aos participantes do projeto incluirá:

(i) A confirmação da validação e a data de submissão do relatório de validação ao Conselho Executivo; ou

(ii) Uma explicação das razões da não-aceitação, caso a atividade de projeto, conforme documentado, seja julgada que não atende os requisitos para validação;

(f) Submeter ao Conselho Executivo, caso ela determine que a atividade de projeto proposta é válida, uma solicitação de registro na forma de um relatório de validação, incluindo o documento de concepção do projeto, a aprovação por escrito da Parte anfitriã, conforme mencionado no subparágrafo (a) acima, e uma explicação de como procedeu à devida análise dos comentários recebidos;

(g) Tornar público esse relatório de validação mediante transmissão para o Conselho Executivo.

41. O registro do Conselho Executivo deve ser considerado final oito semanas após a data de recebimento, pelo Conselho Executivo, da solicitação de registro, a menos que uma Parte envolvida na atividade de projeto ou pelo menos três membros do Conselho Executivo solicitem uma revisão da atividade de projeto do MDL proposta. A revisão do Conselho Executivo deve ser feita de acordo com as seguintes disposições:

(a) Deve estar relacionada com questões associadas aos requisitos de validação;

(b) Deve ser finalizada no mais tardar na segunda reunião após a solicitação de revisão, com a decisão e as razões de tal decisão sendo comunicadas aos participantes do projeto e ao público.

42. A atividade de projeto proposta que não for aceita pode ser reconsiderada para validação e subsequente registro após as revisões apropriadas, desde que siga os procedimentos e atenda os requisitos de validação e registro, incluindo aqueles relacionados com os comentários do público.

43. A atividade de projeto do MDL é adicional se reduzir as emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes para níveis inferiores aos que teriam ocorrido na ausência da atividade de projeto do MDL registrada.

44. A linha de base de uma atividade de projeto do MDL é o cenário que representa, de forma razoável, as emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes que ocorreriam na ausência da atividade de projeto proposta. A linha de base deve cobrir as emissões de todos os gases, setores e categorias de fontes listados no Anexo A do

Protocolo de Quioto que ocorram dentro do limite do projeto. Deve considerar-se que a linha de base representa, de forma razoável, as emissões antrópicas por fontes que ocorreriam na ausência da atividade de projeto proposta quando derivada com o uso de uma metodologia de linha de base mencionada nos parágrafos 37 e 38 acima.

45. A linha de base deve ser estabelecida:

(a) Pelos participantes dos projetos, de acordo com as disposições para a utilização das metodologias aprovadas e de novas metodologias, contidas na decisão 17/CP.7, no presente anexo e nas decisões pertinentes da COP/MOP;

(b) De maneira transparente e conservadora acerca da escolha de abordagens, suposições, metodologias, parâmetros, fontes de dados, fatores principais e adicionalidade, e levando em conta a incerteza;

(c) Com base no projeto específico;

(d) No caso de atividades de projeto do MDL de pequena escala, que cumpram os critérios especificados na decisão 17/CP.7 e nas decisões pertinentes da COP/MOP, de acordo com os procedimentos simplificados desenvolvidos para tais atividades;

(e) Levando em conta as políticas e circunstâncias nacionais e/ou setoriais pertinentes, tais como as iniciativas de reforma setorial, a disponibilidade local de combustíveis, os planos de expansão do setor elétrico e a situação econômica do setor do projeto.

46. A linha de base pode incluir um cenário no qual as futuras emissões antrópicas por fontes são projetadas acima dos níveis atuais, em razão das circunstâncias específicas da Parte anfitriã.

47. A linha de base deve ser definida de forma que as RCEs não possam ser obtidas a partir de decréscimos nos níveis de atividade fora da atividade de projeto ou devido a *force majeure*.

48. Ao escolher uma metodologia de linha de base para uma atividade de projeto, os participantes do projeto devem adotar, entre as seguintes abordagens, a que for considerada mais apropriada para a atividade de projeto, levando em conta qualquer orientação do Conselho Executivo, e justificar a adequação de sua escolha:

(a) As emissões atuais ou históricas existentes, conforme o caso; ou

(b) As emissões de uma tecnologia que represente um curso economicamente atrativo de ação, levando em conta as barreiras para o investimento; ou

(c) A média das emissões de atividades de projeto similares realizadas nos cinco anos anteriores, em circunstâncias sociais, econômicas, ambientais e tecnológicas similares, e cujo desempenho esteja entre os primeiros 20 por cento de sua categoria.

49. Os participantes de projeto devem selecionar um período de obtenção de créditos para uma atividade de projeto proposta entre as seguintes abordagens alternativas:

(a) Um máximo de sete anos, que podem ser renovados até no máximo duas vezes, desde que, para cada renovação, uma Entidade Operacional Designada determine e informe ao Conselho Executivo que a linha de base original do projeto ainda é válida ou foi atualizada levando em conta a existência de novos dados, se for o caso; ou

(b) Um máximo de dez anos sem opção de renovação.

50. As reduções das emissões antrópicas por fontes devem ser ajustadas pelas fugas, de acordo com as disposições de monitoramento e verificação dos parágrafos 59 e 62(f) abaixo, respectivamente.

51. As fugas são definidas como a mudança líquida das emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes que ocorra fora do limite do projeto e que seja mensurável e atribuível à atividade de projeto do MDL.

52. O limite do projeto deve abranger todas as emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes sob o controle dos participantes do projeto que sejam significativas e atribuíveis, de forma razoável, à atividade de projeto do MDL.

H. Monitoramento

53. Os participantes de projeto devem incluir, como parte do documento de concepção do projeto, um plano de monitoramento que contenha:

(a) A coleta e o arquivamento de todos os dados pertinentes necessários para estimar ou medir as emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes que ocorram dentro do limite do projeto durante o período de obtenção de créditos;

(b) A coleta e o arquivamento de todos os dados pertinentes necessários para determinar a linha de base das emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes que ocorram dentro do limite do projeto durante o período de obtenção de créditos;

(c) A identificação de todas as fontes potenciais e a coleta e o arquivamento de dados sobre o aumento das emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes fora do limite do projeto que seja significativo e atribuível, de forma razoável, à atividade de projeto durante o período de obtenção de créditos;

(d) A coleta e o arquivamento de informações pertinentes para as disposições do parágrafo 37(c) acima;

(e) Procedimentos de garantia e controle da qualidade para o processo de monitoramento;

(f) Procedimentos para o cálculo periódico das reduções das emissões antrópicas por fontes decorrentes da atividade de projeto do MDL proposta e para efeito das fugas;

(g) Documentação de todas as etapas envolvidas nos cálculos mencionados no parágrafo 53(c) e (f) acima.

54. O plano de monitoramento da atividade de projeto proposta deve basear-se em uma metodologia de monitoramento aprovada previamente ou em uma nova metodologia, de acordo com os parágrafos 37 e 38 acima, que:

(a) Seja determinada pela Entidade Operacional Designada, conforme apropriado às circunstâncias da atividade de projeto proposta, e tenha sido empregada com êxito em outros lugares;

(b) Reflita uma boa prática de monitoramento, adequada ao tipo de atividade do projeto.

55. Para que as atividades de projeto do MDL de pequena escala cumpram os critérios especificados na decisão 17/CP.7 e nas decisões pertinentes da COP/MOP, os participantes de projeto podem utilizar modalidades e procedimentos simplificados para projetos de pequena escala.

56. Os participantes de projeto devem implementar o plano de monitoramento contido no documento registrado de concepção do projeto.

57. As revisões, se for o caso, do plano de monitoramento para melhorar sua acurácia e/ou a totalidade das informações devem ser justificadas pelos participantes do projeto e submetidas a uma Entidade Operacional Designada para validação.

58. A implementação do plano de monitoramento registrado e suas revisões, conforme o caso, deve ser uma condição para a verificação, a certificação e a emissão das RCEs.

59. Após o monitoramento e o relato das reduções das emissões antrópicas, as RCEs resultantes de uma atividade de projeto do MDL, durante um período de tempo especificado, devem ser calculadas com o emprego da metodologia registrada, subtraindo-se as emissões antrópicas reais por fontes das emissões da linha de base e ajustando-se as fugas.

60. Os participantes de projeto devem encaminhar à Entidade Operacional Designada, contratada pelos participantes de projeto para desempenhar a verificação, um relatório de monitoramento de acordo com o plano de monitoramento registrado, estabelecido no parágrafo 53 acima, para fins de verificação e certificação.

I. Verificação e certificação

61. A verificação é a revisão independente periódica e a determinação *ex post*, pela Entidade Operacional Designada, das reduções monitoradas das emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes que ocorreram em consequência de uma atividade registrada de projeto do MDL, durante o período de verificação. A certificação é a garantia por escrito da Entidade Operacional Designada de que, durante um período de tempo especificado, uma atividade de projeto atingiu as reduções das emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes conforme verificado.

62. De acordo com as disposições sobre confidencialidade do parágrafo 27(h) acima, a Entidade Operacional Designada, contratada pelos participantes do projeto para realizar a verificação, deve tornar público o relatório de monitoramento e deve:

(a) Determinar se a documentação do projeto fornecida está de acordo com os requisitos do documento registrado de concepção do projeto e as disposições pertinentes da decisão 17/CP.7, o presente anexo e as decisões pertinentes da COP/MOP;

(b) Conduzir inspeções no local, conforme o caso, que podem incluir, *inter alia*, uma revisão dos registros de desempenho, entrevistas com os participantes do projeto e atores

locais, coleta de medições, observação de práticas estabelecidas e teste de acurácia do equipamento de monitoração;

(c) Se for o caso, utilizar dados adicionais de outras fontes;

(d) Rever os resultados do monitoramento e verificar se as metodologias de monitoramento para a estimativa das reduções das emissões antrópicas por fontes foram empregadas corretamente e se sua documentação está completa e é transparente;

(e) Recomendar aos participantes do projeto mudanças adequadas na metodologia de monitoramento para qualquer período futuro de obtenção de créditos, se necessário;

(f) Determinar as reduções das emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes que não teriam ocorrido na ausência da atividade de projeto do MDL, com base nos dados e nas informações obtidos no âmbito do subparágrafo (a) acima e no âmbito do subparágrafo (b) e/ou (c) acima, conforme o caso, utilizando procedimentos de cálculo consistentes com os contidos no documento registrado de concepção do projeto e no plano de monitoramento;

(g) Identificar e informar aos participantes do projeto quaisquer preocupações sobre se a própria atividade de projeto e sua operação estão de acordo com o documento registrado de concepção do projeto. Os participantes do projeto devem tratar dessas preocupações e fornecer informações adicionais pertinentes;

(h) Fornecer um relatório de verificação aos participantes do projeto, às Partes envolvidas e ao Conselho Executivo. O relatório deve ser tornado público.

63. A Entidade Operacional Designada deve, com base em seu relatório de verificação, certificar por escrito que, durante o período de tempo especificado, a atividade de projeto atingiu a quantidade verificada de reduções das emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes que não teriam ocorrido na ausência da atividade de projeto do MDL. Deve informar aos participantes do projeto, às Partes envolvidas e ao Conselho Executivo a sua decisão de certificação por escrito, imediatamente após a finalização do processo de certificação, e tornar público o relatório de certificação.

J. Emissão de reduções certificadas de emissão

64. O relatório de certificação deve conter uma solicitação ao Conselho Executivo de emissão de RCEs iguais à quantidade verificada de reduções de emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes.

65. A emissão deve ser considerada final 15 dias após a data de recebimento da solicitação para emissão, a menos que uma Parte envolvida na atividade de projeto ou pelo menos três membros do Conselho Executivo solicitem uma revisão da emissão de RCEs proposta. Essa revisão deve limitar-se a questões de fraude, mau procedimento ou incompetência das Entidades Operacionais Designadas e ser conduzida do seguinte modo:

(a) Mediante recebimento de uma solicitação para tal revisão, o Conselho Executivo, em sua próxima reunião, deve decidir sobre seu curso de ação. Caso decida que a solicitação tem mérito, deve realizar uma revisão e determinar se a emissão de RCEs proposta deve ser aprovada;

(b) O Conselho Executivo deve finalizar sua revisão no prazo de 30 dias após a decisão de realizá-la;

(c) O Conselho Executivo deve informar aos participantes do projeto o resultado da revisão e tornar pública sua decisão acerca da aprovação da emissão de RCEs proposta e as razões dessa decisão.

66. Ao ser instruído pelo Conselho Executivo a emitir RCEs para uma atividade de projeto do MDL, o administrador do registro do MDL, trabalhando sob a autoridade do Conselho Executivo, deve emitir, de pronto, a quantidade especificada de RCEs para a conta pendente do Conselho Executivo no registro do MDL, de acordo com o Apêndice D abaixo. Após essa emissão, o administrador do registro do MDL deve imediatamente:

(a) Transmitir a quantidade de RCEs correspondente à parcela de recursos para cobrir as despesas administrativas e auxiliar a cobrir os custos de adaptação, respectivamente, de acordo com o Artigo 12, parágrafo 8, do Protocolo de Quioto, às contas adequadas no registro do MDL para o gerenciamento da parcela de recursos;

(b) Transmitir as RCEs restantes às contas das Partes no registro e aos participantes de projeto envolvidos, de acordo com sua solicitação.

APÊNDICE A

Padrões de credenciamento das Entidades Operacionais

1. Uma Entidade Operacional deve:

(a) Ser uma entidade jurídica (uma entidade jurídica nacional ou uma organização internacional) e fornecer documentação que comprove essa condição;

(b) Empregar um número suficiente de pessoas, com a competência necessária para desempenhar as funções de validação, verificação e certificação relativas ao tipo, alcance e volume do trabalho realizado, sob a responsabilidade de um executivo sênior;

(c) Ter a estabilidade financeira, cobertura de seguro e os recursos necessários para suas atividades;

(d) Dispor de arranjos suficientes para honrar os compromissos jurídicos e financeiros decorrentes de suas atividades;

(e) Dispor de procedimentos internos documentados para realizar suas funções, incluindo, entre outras coisas, procedimentos para a alocação de responsabilidade dentro da organização e para atender reclamações. Esses procedimentos devem ser tornados públicos;

(f) Dispor dos conhecimentos especializados necessários, ou ter acesso a eles, para realizar as funções especificadas nas modalidades e procedimentos do MDL e nas decisões pertinentes da COP/MOP, em particular, o conhecimento e entendimento:

- (i) Das modalidades, dos procedimentos e das diretrizes para a operação do MDL, das decisões pertinentes da COP/MOP e do Conselho Executivo;
- (ii) Das questões, principalmente as ambientais, pertinentes para a validação, verificação e certificação das atividades de projeto do MDL, conforme o caso;
- (iii) Dos aspectos técnicos das atividades de projeto do MDL, pertinentes para as questões ambientais, incluindo conhecimentos especializados na definição de linhas de base e monitoramento das emissões;
- (iv) Dos requisitos e das metodologias pertinentes de auditoria ambiental;
- (v) Das metodologias para contabilizar as emissões antrópicas por fontes;
- (vi) Dos aspectos regionais e setoriais;

(g) Dispor de uma estrutura de gerenciamento com responsabilidade geral pelo desempenho e pela implementação das funções da Entidade, incluindo procedimentos de garantia da qualidade, e por todas as decisões pertinentes relativas a validação, verificação e certificação. A candidata a Entidade Operacional deve disponibilizar:

- (i) Os nomes, as qualificações, a experiência e os termos de referência do pessoal sênior de gerenciamento, como o executivo sênior, os membros do conselho, os oficiais seniores e outros funcionários pertinentes;
- (ii) Um organograma mostrando as linhas de autoridade, responsabilidade e alocação de funções, a partir do gerenciamento sênior;
- (iii) Sua política e seus procedimentos de garantia da qualidade;
- (iv) Os seus procedimentos administrativos, incluindo o controle de documentos;
- (v) Sua política e seus procedimentos para o recrutamento e o treinamento do pessoal da Entidade Operacional, para assegurar sua competência em todas as funções necessárias para validação, verificação e certificação, e para monitorar seu desempenho;
- (vi) Seus procedimentos para tratar de reclamações, apelações e controvérsias;

(h) Não ter nenhum processo judicial pendente por malversação, fraude e/ou outra atividade incompatível com suas funções como Entidade Operacional Designada.

2. Uma candidata a Entidade Operacional deve atender os seguintes requisitos operacionais:

(a) Trabalhar de maneira confiável, independente, não-discriminatória e transparente, cumprindo as leis nacionais aplicáveis e atendendo, em particular, os seguintes requisitos:

- (i) Uma candidata a Entidade Operacional deve ter uma estrutura documentada, que garanta a imparcialidade, incluindo disposições que assegurem a imparcialidade de suas operações;
- (ii) Caso seja parte de uma organização maior e partes dessa organização estejam ou venham a estar envolvidas com a identificação, o desenvolvimento ou o financiamento de qualquer atividade de projeto do MDL, a candidata a Entidade Operacional deve:
 - Fazer uma declaração de todo o envolvimento real e planejado da organização com as atividades de projeto do MDL, se for o caso, indicando qual é a parte da organização envolvida e em que atividades específicas do projeto do MDL;
 - Definir claramente as ligações com outras partes da organização, demonstrando a inexistência de conflitos de interesse;
 - Demonstrar que não há conflitos de interesse entre as suas funções como Entidade Operacional e qualquer outra função que possa ter e demonstrar como os negócios são gerenciados de modo a minimizar qualquer risco identificado à imparcialidade. A demonstração deve cobrir todas as fontes de conflitos de interesse, quer decorram de dentro da candidata a Entidade Operacional quer das atividades dos órgãos relacionados;
 - Demonstrar que, juntamente com o seu gerente sênior e sua equipe, não está envolvida em nenhum processo comercial, financeiro ou de outra natureza, que possam influenciar seu julgamento ou comprometer a confiança em sua independência de julgamento e integridade em relação a suas atividades, e que ela atende qualquer regra aplicável a esse respeito;

(b) Dispor de arranjos adequados para garantir a confidencialidade das informações obtidas dos participantes de projeto do MDL, de acordo com as disposições contidas no presente anexo.

APÊNDICE B

Documento de concepção do projeto

1. As disposições deste apêndice devem ser interpretadas de acordo com o anexo acima sobre modalidades e procedimentos para um MDL.
2. O propósito deste apêndice é descrever as informações que devem constar do documento de concepção do projeto. A atividade de projeto deve ser descrita em detalhe, levando em conta as disposições do anexo sobre modalidades e procedimentos para um MDL, em particular, a seção G, sobre validação e registro, e a seção H, sobre monitoramento, no documento de concepção do projeto, que deve incluir o seguinte:

(a) A descrição do projeto, contendo o seu objetivo, uma descrição técnica do projeto, incluindo como a tecnologia será transferida, se for o caso, e uma descrição e justificativa do limite do projeto;

(b) A metodologia da linha de base proposta, de acordo com o anexo sobre modalidades e procedimentos para um MDL, incluindo, no caso de:

(i) Emprego de uma metodologia aprovada:

- Uma declaração de qual metodologia aprovada foi selecionada;
- A descrição de como a metodologia aprovada será empregada no contexto do projeto;

(ii) Emprego de uma nova metodologia:

- A descrição da metodologia da linha de base e uma justificativa da escolha, incluindo uma avaliação dos pontos fortes e fracos da metodologia;
- A descrição dos parâmetros principais, das fontes de dados e suposições utilizados na estimativa da linha de base e na avaliação das incertezas;
- Projeções das emissões da linha de base;
- A descrição de como a metodologia da linha de base trata das fugas potenciais;

(iii) Outras considerações, como a descrição do modo como as políticas e circunstâncias nacionais e/ou setoriais foram levadas em conta e uma explicação de como a linha de base foi estabelecida de maneira transparente e conservadora;

(c) Uma declaração da vida útil operacional estimada do projeto e o período de obtenção de créditos selecionado;

(d) A descrição de como as emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes são reduzidas para níveis inferiores aos que teriam ocorrido na ausência da atividade de projeto do MDL registrada;

(e) Impactos ambientais:

(i) Documentação sobre a análise dos impactos ambientais, incluindo os impactos transfronteiriços;

(ii) Caso os impactos sejam considerados significativos pelos participantes do projeto ou pelo Parte anfitriã: as conclusões e todas as referências de apoio à documentação de uma avaliação de impacto ambiental que tenha sido realizada de acordo com os procedimentos exigidos pela Parte anfitriã;

(f) As informações sobre as fontes de financiamento público para a atividade de projeto das Partes incluídas no Anexo I da CQNUMC, que devem fornecer uma declaração de que tal financiamento não resultou de desvio de assistência oficial para o desenvolvimento e de que é distinto e não é contado como parte das obrigações financeiras dessas Partes;

(g) Os comentários dos atores, incluindo uma breve descrição do processo, um resumo dos comentários recebidos e um relatório de como a devida consideração foi dada aos comentários recebidos;

(h) Um plano de monitoramento:

- (i) Identificação das necessidades de dados e da qualidade dos dados com relação a acurácia, comparabilidade, abrangência e validade;
- (ii) Metodologias a serem utilizadas para a coleta e o monitoramento dos dados, incluindo as disposições de garantia e controle da qualidade para monitoramento, coleta e relato;
- (iii) No caso de uma nova metodologia de monitoramento, fornecer uma descrição da metodologia, incluindo uma avaliação dos seus pontos fortes e fracos e se ela foi empregada com êxito em outros lugares;

(i) Cálculos:

- (i) Descrição das fórmulas utilizadas para calcular e estimar as emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes da atividade de projeto do MDL dentro do limite do projeto;
- (ii) Descrição das fórmulas utilizadas para calcular e projetar as fugas, definidas como: a mudança líquida das emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes que ocorra fora do limite da atividade de projeto do MDL e que seja mensurável e atribuível à atividade de projeto do MDL;
- (iii) A soma de (i) e (ii) acima representando as emissões da atividade de projeto do MDL;
- (iv) Descrição das fórmulas utilizadas para calcular e projetar as emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes da linha de base;
- (v) Descrição das fórmulas utilizadas para calcular e projetar as fugas;
- (vi) A soma de (iv) e (v) acima representando as emissões da linha de base;
- (vii) As diferenças entre (vi) e (iii) acima representando as reduções de emissões da atividade de projeto do MDL;

(j) Referências para embasar os itens acima, se for o caso.

APÊNDICE C

Termos de referência para o estabelecimento de diretrizes para as metodologias das linhas de base e do monitoramento

O Conselho Executivo, consultando especialistas de acordo com as modalidades e os procedimentos para um MDL, deve desenvolver e recomendar à COP/MOP, *inter alia*:

(a) Orientações gerais sobre metodologias relativas às linhas de base e ao monitoramento, consistentes com os princípios estabelecidos nessas modalidades e nesses procedimentos, a fim de:

- (i) Elaborar as disposições relativas às metodologias das linhas de base e do monitoramento contidas na decisão 17/CP.7, no anexo acima e nas decisões pertinentes da COP/MOP;
- (ii) Promover consistência, transparência e previsibilidade;
- (iii) Exercer austeridade para assegurar que as reduções líquidas de emissões antrópicas sejam reais e mensuráveis, além de refletir acuradamente o que ocorreu dentro do limite do projeto;
- (iv) Assegurar a aplicabilidade em diferentes regiões geográficas e nas categorias de projeto que sejam elegíveis, de acordo com a decisão 17/CP.7 e as decisões pertinentes da COP/MOP;
- (v) Tratar do requisito de adicionalidade do Artigo 12, parágrafo 5(c), do Protocolo de Quioto, e parágrafo 43 do anexo acima;

(b) Orientações específicas nas seguintes áreas:

- (i) Definição das categorias de projeto (por exemplo, com base no setor, subsetor, tipo de projeto, tecnologia, área geográfica) que apresentem características metodológicas comuns para o estabelecimento da linha de base e/ou do monitoramento, incluindo orientações sobre o nível de agregação geográfica, levando em conta a disponibilidade de dados;
- (ii) Metodologias da linha de base que se acredite representarem, de forma razoável, o que teria ocorrido na ausência de uma atividade de projeto;
- (iii) Metodologias de monitoramento que forneçam uma medida acurada das reduções reais das emissões antrópicas como resultado da atividade de projeto, levando em conta a necessidade de consistência e efetividade em relação aos custos;
- (iv) Árvores de decisão e outras ferramentas metodológicas, conforme o caso, para orientar as escolhas e assegurar que as metodologias mais adequadas sejam selecionadas, levando em conta as circunstâncias pertinentes;
- (v) O nível adequado de padronização das metodologias para permitir uma estimativa razoável do que ocorreria na ausência de uma atividade de projeto, sempre que possível e adequado. A padronização deve ser

conservadora a fim de evitar qualquer superestimativa das reduções das emissões antrópicas;

- (vi) A determinação dos limites do projeto, incluindo a contabilização de todos os gases de efeito estufa que devem ser incluídos como parte da linha de base e do monitoramento. A relevância das fugas e as recomendações para estabelecer limites adequados do projeto e métodos para a avaliação *ex post* do nível das fugas;
 - (vii) A explicação das políticas nacionais aplicáveis e das circunstâncias nacionais ou regionais específicas, como iniciativas de reforma setorial, disponibilidade local de combustíveis, planos de expansão do setor elétrico e a situação econômica no setor pertinente à atividade de projeto;
 - (viii) A amplitude da linha de base, por exemplo, como a linha de base faz comparações entre a tecnologia/combustível utilizado e outras tecnologias/combustíveis utilizados no setor;
- (c) Ao desenvolver a orientação mencionada em (a) e (b) acima, o Conselho Executivo deve levar em conta:
- (i) As práticas atuais no país anfitrião ou numa região apropriada e as tendências observadas;
 - (ii) A tecnologia de menor custo para a atividade ou categoria de projeto.

APÊNDICE D

Requisitos de registro do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo

1. O Conselho Executivo deve estabelecer e manter um registro do MDL para assegurar a contabilização acurada da emissão, posse, transferência e aquisição de RCEs pelas Partes não incluídas no Anexo I da CQNUMC. O Conselho Executivo deve identificar um administrador do registro que mantenha o registro sob sua autoridade.
2. O registro do MDL deve ter a forma de uma base de dados eletrônica padronizada que contenha, *inter alia*, elementos de dados comuns pertinentes para a emissão, posse, transferência e aquisição de RCEs. A estrutura e os formatos dos dados do registro do MDL devem estar de acordo com os padrões técnicos a serem adotados pela COP/MOP com o fim de assegurar a troca acurada, transparente e eficiente de dados entre os registros nacionais, o registro do MDL e o *log* de transações independente.
3. O registro do MDL deve ter as seguintes contas:
 - (a) Uma conta pendente para o Conselho Executivo, para a qual as RCEs são emitidas antes de serem transferidas para outras contas;
 - (b) Pelo menos uma conta de posse para cada Parte não incluída no Anexo I da CQNUMC que seja anfitriã de uma atividade de projeto do MDL ou solicite uma conta;

(c) Pelo menos uma conta com o fim de cancelamento das UREs, RCEs, UQAs e URM's equivalentes às RCEs emitidas em excesso, conforme determinado pelo Conselho Executivo, quando o credenciamento de uma Entidade Operacional Designada tenha sido retirado ou suspenso;

(d) Pelo menos uma conta de posse e transferência de RCEs correspondentes à parcela de recursos para cobrir as despesas administrativas e para auxiliar na cobertura dos custos de adaptação, de acordo com o Artigo 12, parágrafo 8, do Protocolo de Quioto. Essa conta não pode, de outra forma, adquirir RCEs.

4. Cada RCE deve ser mantida em apenas uma conta de um registro em um dado momento.

5. Cada conta dentro do registro do MDL deve ter um único número de conta, contendo os seguintes elementos:

(a) O identificador da Parte/organização: a Parte para a qual a conta é mantida, utilizando o código de duas letras do país, definido pela Organização Internacional de Padronização (ISO 3166) ou, nos casos da conta pendente e de uma conta para gerenciar as RCEs correspondentes à parcela de recursos², o Conselho Executivo ou outra organização adequada;

(b) Um único número: um número único para a conta da Parte ou organização para a qual a conta seja mantida.

6. Após ser instruído pelo Conselho Executivo a emitir RCEs para uma atividade de projeto do MDL, o administrador do registro deve, de acordo com os procedimentos de transação estabelecidos na decisão -/CMP.1 (*Modalidades para a contabilização das quantidades atribuídas*):

(a) Emitir a quantidade especificada de RCEs à conta pendente do Conselho Executivo;

(b) Encaminhar a quantidade de RCEs correspondente à parcela de recursos para cobrir as despesas administrativas e auxiliar na cobertura dos custos de adaptação, de acordo com o Artigo 12, parágrafo 8, do Protocolo de Quioto, às contas apropriadas no registro do MDL para posse e transferência dessas RCEs;

(c) Encaminhar o restante das RCEs às contas, no registro, dos participantes de projeto e das Partes envolvidas, de acordo com sua solicitação.

7. Cada RCE deve ter um único número de série, contendo os seguintes elementos:

(a) Período de compromisso: o período de compromisso para o qual a RCE é emitida;

(b) Parte de origem: a Parte que foi anfitriã da atividade de projeto do MDL, utilizando o código de duas letras do país, definido pela ISO 3166;

(c) Tipo: deve identificar a unidade como uma RCE;

(d) Unidade: um número único para a RCE relativo ao período de compromisso identificado e à Parte de origem;

(e) Identificador do projeto: um número único de atividade de projeto do MDL para a Parte de origem.

8. Quando o credenciamento de uma Entidade Operacional Designada tiver sido retirado ou suspenso, as UREs, RCEs, UQAs e/ou URMs equivalentes às RCEs emitidas em excesso, conforme determinado pelo Conselho Executivo, devem ser transferidas para uma conta de cancelamento no registro do MDL. Essas UREs, RCEs, UQAs e URMs não poderão ser transferidas novamente ou utilizadas com a finalidade de demonstrar o cumprimento de uma Parte de seus compromissos no âmbito do Artigo 3, parágrafo 1, do Protocolo de Quioto.

9. O registro do MDL deve tornar públicas informações não-confidenciais e fornecer uma interface acessível ao público, por meio da Internet, que permita às pessoas interessadas consultá-las e visualizá-las.

10. As informações mencionadas no parágrafo 9 acima devem incluir informações atualizadas, para cada número de conta no registro, sobre o seguinte:

(a) Nome da conta: o possuidor da conta;

(b) Identificador do representante: o representante do possuidor da conta, utilizando um identificador da Parte/organização (o código de duas letras do país, definido pela ISO 3166) e um número único para esse representante dessa Parte ou organização;

(c) Nome e informação de contato do representante: o nome completo, endereço para correspondência, número de telefone, número de fax e endereço de correio eletrônico do representante do possuidor da conta.

11. As informações mencionadas no parágrafo 9 acima devem incluir as seguintes informações da atividade de projeto do MDL, para cada identificador de projeto em relação ao qual foram emitidas as RCEs:

(a) Nome do projeto: um nome único para a atividade de projeto do MDL;

(b) Local do projeto: a Parte e a cidade ou região em que está localizada a atividade de projeto do MDL;

(c) Anos de emissão das RCEs: os anos em que as RCEs foram emitidas como resultado da atividade de projeto do MDL;

(d) Entidades Operacionais: as Entidades Operacionais envolvidas na validação, verificação e certificação da atividade de projeto do MDL;

(e) Relatórios: versões eletrônicas para *download* da documentação a ser tornada pública, de acordo com as disposições do presente anexo.

12. As informações mencionadas no parágrafo 9 acima devem incluir as seguintes informações de posse e transação pertinentes para o registro do MDL, por número de série, para cada ano do calendário (definido de acordo com o Tempo Médio de Greenwich):

- (a) A quantidade total de RCEs em cada conta no início do ano;
- (b) A quantidade total de RCEs emitida;
- (c) A quantidade total de RCEs transferida e a identidade das contas e registros dos adquirentes;
- (d) A quantidade total de UREs, RCEs, UQAs e URMs cancelada, de acordo com o parágrafo 8 acima;
- (e) Posses atuais de RCEs em cada conta.

ANEXO II

DOCUMENTO DE CONCEPÇÃO DE PROJETO DO MECANISMO DE DESENVOLVIMENTO LIMPO (MDL-DCP)

Nota Introdutória

1. Apresenta-se aqui o documento de concepção de projeto do mecanismo de desenvolvimento limpo (MDL-DCP). Este documento amplia as informações contidas no Anexo B “Documento de Concepção de Projeto” das Modalidades e Procedimentos.
2. As *explicações* para os participantes do projeto são apresentadas em itálico.

SUMÁRIO

- A. Descrição geral da atividade de projeto
- B. Metodologia da linha de base
- C. Duração da atividade de projeto / Período de obtenção de créditos
- D. Metodologia e plano de monitoramento
- E. Cálculos das emissões de gases de efeito estufa por fontes
- F. Impactos ambientais
- G. Comentários dos atores

Anexos

Anexo 1: Dados para contato dos participantes da atividade de projeto

Anexo 2: Informações sobre financiamento público

Anexo 3: Nova metodologia da linha de base

Anexo 4: Nova metodologia do monitoramento

Anexo 5: Tabela: Dados da linha de base

A. Descrição geral da atividade de projeto

A.1 Título da atividade de projeto:

A.2. Descrição da atividade de projeto:

(Inclua na descrição

- o propósito da atividade de projeto

- a opinião dos participantes do projeto sobre a contribuição da atividade de projeto para o desenvolvimento sustentável (máximo de uma página).)

A.3. Participantes do projeto:

(Relacione a(s) Parte(s) e entidades privadas e/ou públicas envolvidas na atividade de projeto e informe os dados para contato no Anexo 1.)

(Indique pelo menos um dos participantes acima como o contato para a atividade de projeto do MDL.)

A.4. Descrição técnica da atividade de projeto:

A.4.1. Local da atividade de projeto:

A.4.1.1 Parte ou Partes países anfitriões:

A.4.1.2 Região/Estado, etc.:

A.4.1.3 Cidade/Comunidade, etc:

A.4.1.4 Detalhes sobre a localização física, inclusive informações que permitam a identificação única dessa atividade de projeto (*máximo de uma página*):

A.4.2. Categoria(s) da atividade de projeto

(Utilizando a lista de categorias das atividades de projeto e das atividades de projetos de MDL registradas por categoria, disponíveis no web site sobre MDL da CQNUMC, especifique a(s) categoria(s) das atividades de projeto em que a atividade de projeto se enquadra. Caso não se possa identificar uma categoria ou categorias adequadas, sugira uma nova descrição de categoria ou categorias e sua definição, orientando-se pelas informações pertinentes no web site da CQNUMC.)

A.4.3. Tecnologia a ser empregada pela atividade de projeto:

(Esta seção deve conter uma descrição sobre como são transferidos para a Parte anfitriã tecnologia e know-how ambientalmente seguros e saudáveis, se for o caso.)

A.4.4. Breve explicação sobre como serão reduzidas as emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes pela atividade de projeto de MDL proposta, informando por que as reduções de emissão não ocorreriam na ausência da atividade de projeto proposta, levando em conta as políticas e circunstâncias nacionais e/ou setoriais:

(Explique sucintamente como serão alcançadas as reduções de emissões antrópicas de gases de efeito estufa (detalhes a serem informados na seção B) e apresente a estimativa total das reduções previstas em toneladas equivalentes de CO₂, conforme determinado na seção E abaixo.)

A.4.5. Financiamento público da atividade de projeto:

(Caso a atividade de projeto receba financiamento público de Partes incluídas no Anexo I, forneça no Anexo 2 informações sobre as fontes de financiamento público para a atividade de projeto, incluindo uma declaração de que esse financiamento não acarreta desvio da assistência oficial para o desenvolvimento, é independente e não conta para efeitos de cumprimento das obrigações financeiras dessas Partes.)

B. Metodologia da linha de base

B.1 Título e referência da metodologia aplicada à atividade de projeto:

(Consulte o web site sobre MDL da CQNUMC para obter a lista de títulos e referências, bem como os detalhes das metodologias aprovadas. Caso uma nova metodologia de linha de base seja proposta, preencha o Anexo 3. Observe que a tabela “Dados da linha de base”, contida no Anexo 5, deve ser preenchida paralelamente ao preenchimento do restante desta seção.)

B.2 Justificativa da escolha da metodologia e explicação de por que ela é aplicável à atividade de projeto

B.3 Descrição de como a metodologia é aplicada no contexto da atividade de projeto:

B.4 Descrição de como as emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes são reduzidas para níveis inferiores aos que teriam ocorrido na ausência da atividade de projeto de MDL registrada *(por exemplo, explicação de como e por que este projeto é adicional e, portanto, não é o cenário da linha de base)*

B.5 Descrição de como a definição do limite do projeto, relacionada com a metodologia da linha de base, aplica-se à atividade de projeto

B.6 Detalhes do estabelecimento da linha de base

B.6.1 Data de finalização do texto final desta seção da linha de base (DD/MM/AAAA):

B.6.2 Nome da pessoa/entidade que determina a linha de base:

(Informe os dados para contato e indique se a pessoa/entidade também é um dos participantes do projeto listados no Anexo 1.)

C. Duração da atividade de projeto / Período de obtenção de créditos

C.1 Duração da atividade de projeto:

C.1.1. Data de início da atividade de projeto:

(Para obter a definição do Conselho Executivo para o termo “data de início”, consulte o web site sobre MDL da CQNUMC. Qualquer orientação desse tipo deve ser incorporada às versões subseqüentes do MDL-DCP. Na falta de orientação, informe como a “data de início” foi definida e aplicada no contexto desta atividade de projeto.)

C.1.2. Estimativa da vida útil operacional da atividade de projeto: *(em anos e meses, por exemplo, dois anos e quatro meses seriam indicados assim: 2a-4m)*

C.2 Escolha do período de obtenção de créditos e informações relacionadas: *(Sublinhe a opção adequada (C.2.1 ou C.2.2) e preencha-a)*

(Observe que o período de obtenção de créditos só pode começar após a data de registro da atividade proposta como uma atividade de projeto de MDL. Em casos excepcionais, a data de início do período de obtenção de créditos pode ser anterior à data de registro da atividade de projeto, tal como dispõem os parágrafos 12 e 13 da decisão 17/CP.7 e mediante qualquer orientação do Conselho Executivo disponível no web site sobre MDL da CQNUMC)

C.2.1. Período renovável de obtenção de créditos *(máximo de sete (7) anos por período)*

C.2.1.1. Data de início do primeiro período de obtenção de créditos *(DD/MM/AAAA):*

C.2.1.2. Duração do primeiro período de obtenção de créditos *(em anos e meses, por exemplo, dois anos e quatro meses seriam indicados assim: 2a-4m):*

C.2.2. Período fixo de obtenção de créditos *(máximo de dez (10) anos):*

C.2.2.1. Data de início *(DD/MM/AAAA):*

C.2.2.2. Duração *(máximo de 10 anos): (em anos e meses, por exemplo, dois anos e quatro meses seriam indicados assim: 2a-4m)*

D. Metodologia e plano de monitoramento

(O plano de monitoramento precisa fornecer informações detalhadas relacionadas com a coleta e o arquivamento de todos os dados relevantes necessários para

- estimar ou medir as emissões que ocorrem dentro do limite do projeto;*
- determinar a linha de base; e*
- identificar o aumento das emissões fora do limite do projeto.*

O plano de monitoramento deve refletir uma boa prática de monitoramento adequada ao tipo de atividade de projeto. Os participantes do projeto devem implementar o plano de monitoramento registrado e fornecer dados, de acordo com o plano, por meio do relatório de monitoramento.

As Entidades Operacionais irão verificar que a metodologia e o plano de monitoramento foram implementados corretamente e checar as informações de acordo com as disposições sobre verificação. Esta seção deve fornecer uma descrição detalhada do plano de monitoramento, inclusive uma identificação dos dados e sua qualidade com relação a acurácia, comparabilidade, totalidade e validade, levando em consideração qualquer orientação contida na metodologia.

Observe que os dados monitorados e necessários para verificação e emissão devem ser guardados por dois anos após o final do período de obtenção de créditos ou após a última emissão de Reduções Certificadas de Emissão (RCEs) para esta atividade de projeto, o que for posterior.

D.1. Nome e referência da metodologia aprovada aplicada à atividade de projeto:

(Consulte o web site sobre MDL da CQNUMC para obter o nome e a referência, bem como os detalhes das metodologias aprovadas. Caso uma nova metodologia seja proposta, preencha o Anexo 4.)

(Caso um padrão nacional ou internacional de monitoramento tenha que ser aplicado para monitorar certos aspectos da atividade de projeto, identifique esse padrão e forneça uma referência à fonte onde pode ser encontrada uma descrição detalhada do padrão.)

D.2. Justificativa da escolha da metodologia e razão por que ela é aplicável à atividade de projeto:

D.3. Dados a serem coletados para monitorar as emissões da atividade de projeto e como esses dados serão arquivados:

(Acrescente colunas à tabela abaixo, conforme necessário)

Número de identificação <i>(Use números para facilitar a referência cruzada à tabela D.6)</i>	Tipo de dados	Variável	Unidade	Medidos (m), calculados (c) ou estimados (e)	Frequência do registro	Proporção dos dados a serem monitorados	Como os dados serão arquivados? (eletronicamente/em papel)	Por quanto tempo devem ser guardados os dados arquivados?	Comentário

D.4. Possíveis fontes de emissões significativas e atribuíveis, de forma razoável, à atividade de projeto, mas que não são incluídas no limite do projeto e identificação de como os dados sobre essas fontes de emissão serão coletados e arquivados, se for o caso.

(Acrescente colunas à tabela abaixo, conforme necessário.)

Número de identificação <i>(Use números para facilitar a referência cruzada à tabela D.6)</i>	Tipo de dados	Variável	Unidade	Medidos (m), calculados (c) ou estimados (e)	Frequência do registro	Proporção dos dados a serem monitorados	Como os dados serão arquivados? (eletronicamente/em papel)	Por quanto tempo devem ser guardados os dados arquivados?	Comentário

D.5. Dados relevantes necessários para determinar a linha de base das emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes dentro do limite do projeto e identificação de como esses dados serão coletados e arquivados, se for o caso.

(Dependendo da metodologia utilizada para determinar a linha de base, pode ser preciso preencher esta tabela. Acrescente colunas à tabela abaixo, conforme necessário.)

Número de identificação <i>(Use números para facilitar a referência cruzada à tabela D.6)</i>	Tipo de dados	Variável	Unidade	Serão coletados dados sobre este item? (Explicar, caso negativo).	Como os dados são arquivados? (eletronicamente/em papel)	Por quanto tempo devem ser guardados os dados arquivados?	Comentário

D.6. Procedimentos de controle e garantia da qualidade sendo aplicados aos dados monitorados. *(Dados das tabelas contidas nas seções D.3, D.4 e D.5 acima, conforme aplicável)*

Dados <i>(Indique a tabela e o número de identificação, por exemplo, D.4-1; D.4-2.)</i>	Nível de incerteza dos dados (Alto/Médio/Baixo)	São planejados procedimentos de controle e garantia da qualidade para esses dados?	Explique brevemente as razões por que procedimentos de garantia e controle da qualidade estão, ou não, sendo planejados.

D.7 Nome da pessoa/entidade que determina a metodologia de monitoramento:

(Informe os dados para contato e indique se a pessoa/entidade também é um dos participantes do projeto listados no Anexo 1 deste documento.)

E. Cálculos das emissões de gases de efeito estufa por fontes

E.1 Descrição das fórmulas utilizadas para estimar as emissões antrópicas por fontes de gases de efeito estufa da atividade de projeto dentro do limite do projeto: *(para cada gás, fonte, fórmula/ algoritmo, emissões em unidades equivalentes de CO₂)*

E.2 Descrição das fórmulas utilizadas para estimar as fugas, definidas como: a mudança líquida das emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes que ocorra fora do limite do projeto e que seja mensurável e atribuível à atividade de projeto: *(para cada gás, fonte, fórmula/ algoritmo, emissões em unidades equivalentes de CO₂)*

E.3 A soma de E.1 e E.2 que representa as emissões da atividade de projeto:

E.4 Descrição das fórmulas utilizadas para estimar as emissões antrópicas por fontes de gases de efeito estufa da linha de base: *(para cada gás, fonte, fórmula/ algoritmo, emissões em unidades equivalentes de CO₂)*

E.5 Diferença entre E.4 e E.3 que representa as reduções de emissões devidas à atividade de projeto:

E.6 Tabela com os valores obtidos ao aplicarem-se as fórmulas acima:

F. Impactos ambientais

F.1. Documentação sobre a análise dos impactos ambientais, inclusive os transfronteiriços

(Anexe a documentação ao MDL-DCP.)

F.2. Se os impactos são considerados significativos pelos participantes do projeto ou pela Parte anfitriã: *apresente as conclusões e todas as referências de apoio à documentação de uma avaliação de impacto ambiental que tenha sido realizada de acordo com os procedimentos solicitados pela Parte anfitriã.*

G. Comentários dos atores

G.1. Breve descrição do processo de convite e compilação dos comentários dos atores locais:

G.2. Sumário dos comentários recebidos:

G.3. Relatório sobre como a devida consideração foi dada aos comentários recebidos:

Anexo 1

DADOS PARA CONTATO DOS PARTICIPANTES DA ATIVIDADE DE PROJETO

(Copie e cole a tabela conforme necessário)

Organização:	
Rua/Cx. Postal:	
Edifício:	
Cidade:	
Estado/Região:	
CEP:	
País:	
Telefone:	
FAX:	
E-Mail:	
URL:	
Representada por:	
Título:	
Forma de tratamento:	
Nome:	
Departamento:	
Telefone móvel/celular:	
FAX direto:	
Tel. direto:	
E-Mail pessoal:	

Anexo 2

INFORMAÇÕES SOBRE FINANCIAMENTO PÚBLICO

Anexo 3

NOVA METODOLOGIA DA LINHA DE BASE

(A linha de base de uma atividade de projeto de MDL é o cenário que representa, de forma razoável, as emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes que ocorreriam na ausência da atividade de projeto proposta. Uma linha de base deve cobrir as emissões de todos os gases, setores e categorias de fontes listados no Anexo A do Protocolo de Quioto dentro do limite do projeto. As características gerais de uma linha de base estão contidas no parágrafo 45 das Modalidades e Procedimentos do MDL.

Consulte o web site sobre MDL da CQNUMC para obter orientação sobre aspectos a serem tratados na descrição de uma nova metodologia.

Observe que a tabela “Dados da linha de base” contida no Anexo 5 deve ser preenchida paralelamente ao preenchimento do restante desta seção.)

1. Título da metodologia proposta:

2. Descrição da metodologia:

2.1. Abordagem geral (Marque a opção ou opções adequadas)

? As emissões atuais ou históricas, conforme o caso;

? As emissões de uma tecnologia que representa um curso de ação economicamente atrativo, levando em conta as barreiras ao investimento;

? A média das emissões de atividades de projeto análogas realizadas nos cinco anos anteriores, em circunstâncias sociais, econômicas, ambientais e tecnológicas análogas, e cujo desempenho esteja entre os 20 por cento superiores da categoria.

2.2. Descrição geral (outras características da abordagem):

3. Parâmetros/suposições principais (inclusive fatores de emissão e níveis de atividade) e fontes dos dados considerados e utilizados:

4. Definição do limite do projeto relacionado com a metodologia da linha de base:

(Descreva e justifique o limite do projeto, tendo em mente que ele deve abranger todas as emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes, sob controle dos participantes do projeto, que sejam significativas e atribuíveis, de forma razoável, à atividade de projeto. Descreva e justifique os gases e as fontes contidos no Anexo A do Protocolo de Quioto que são mantidos dentro e fora do limite do projeto.)

5. Avaliação das incertezas:

(Indique os fatores de incerteza e como essas incertezas devem ser tratadas)

6. Descrição de como a metodologia da linha de base trata do cálculo das emissões da linha de base e da determinação da adicionalidade do projeto:

(Fórmulas e algoritmos utilizados na seção E)

7. Descrição de como a metodologia da linha de base trata de qualquer possível fuga da atividade de projeto:

(Observe: As fugas são definidas como a mudança líquida das emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes que ocorra fora do limite do projeto e que seja mensurável e atribuível à atividade de projeto do MDL.)

(Fórmulas e algoritmos utilizados na seção E.5)

8. Critérios utilizados no desenvolvimento da metodologia proposta da linha de base, inclusive uma explicação de como a metodologia da linha de base foi desenvolvida de forma transparente e conservadora:

9. Avaliação dos pontos fortes e fracos da metodologia da linha de base:

10. Outras considerações, tais como uma descrição de como as políticas e circunstâncias nacionais e/ou setoriais foram levadas em conta:

Anexo 4

NOVA METODOLOGIA DE MONITORAMENTO

Nova metodologia de monitoramento proposta

(Forneça uma descrição detalhada do plano de monitoramento, incluindo a identificação dos dados e sua qualidade com relação a acurácia, comparabilidade, totalidade e validade)

1. Breve descrição da nova metodologia

(Descreva os principais pontos e forneça referência de uma descrição detalhada da metodologia de monitoramento).

2. Dados a serem coletados ou utilizados para monitorar as emissões da atividade de projeto e como esses dados serão arquivados

(Acrescente colunas à tabela abaixo, conforme necessário)

Número de identificação <i>(Use números para facilitar a referência cruzada à tabela 5)</i>	Tipo de dados	Variável	Unidade	Medidos (m), calculados (c) ou estimados (e)	Frequência do registro	Proporção dos dados a serem monitorados	Como os dados serão arquivados? (eletronicamente/em papel)	Por quanto tempo são guardados os dados arquivados?	Comentário

3. Possíveis fontes de emissões que sejam significativas e atribuíveis, de forma razoável, à atividade de projeto, mas que não são incluídas no limite do projeto e identificação de como os dados sobre essas fontes de emissão serão coletados e arquivados, se for o caso

(Acréscime colunas à tabela abaixo, caso necessário.)

Número de identificação <i>(Use números para facilitar a referência cruzada à tabela 5)</i>	Tipo de dados	Variável	Unidade	Medidos (m), calculados (c) ou estimados (e)	Frequência do registro	Proporção dos dados a serem monitorados	Como os dados serão arquivados? (eletronicamente/em papel)	Por quanto tempo são guardados os dados arquivados?	Comentário

4. Suposições utilizadas na elaboração da nova metodologia:

(Relacione as informações utilizadas no cálculo das emissões que não são medidas ou calculadas, por exemplo, uso de quaisquer fatores default de emissão)

5. Indique se os procedimentos de controle e garantia da qualidade estão sendo feitos para os itens monitorados. (ver tabelas das seções 2 e 3 acima)

Dados <i>(Indique a tabela e o número de identificação, por exemplo, 3.-1; 3.-2.)</i>	Nível de incerteza dos dados (Alto/Médio/Baixo)	São planejados procedimentos de controle e garantia da qualidade para esses dados?	Explique brevemente as razões por que procedimentos de garantia e controle da qualidade estão, ou não, sendo planejados.

6. Quais são os possíveis pontos fortes e fracos dessa metodologia? *(compare a acurácia e a totalidade da nova metodologia com as das metodologias aprovadas).*

7. A metodologia foi aplicada com sucesso em algum outro lugar? Em caso afirmativo, em quais circunstâncias?

Após preencher as seções acima, continue preenchendo as subseções D.2 e as seguintes.

Anexo 5

TABELA: DADOS DA LINHA DE BASE

(Forneça uma tabela contendo os elementos essenciais utilizados para determinar a linha de base (variáveis, parâmetros, fontes de dados, etc.). Para as metodologias aprovadas, há uma tabela preliminar no web site sobre MDL da CQNUMC. Para as novas metodologias, não há uma estrutura de tabela pré-definida.)

Anexo III

Os participantes do projeto deverão descrever se e como a atividade de projeto contribuirá para o desenvolvimento sustentável no que diz respeito aos seguintes aspectos:

a) Contribuição para a sustentabilidade ambiental local

Avalia a mitigação dos impactos ambientais locais (resíduos sólidos, efluentes líquidos, poluentes atmosféricos, dentre outros) propiciada pelo projeto em comparação com os impactos ambientais locais estimados para o cenário de referência.

b) Contribuição para o desenvolvimento das condições de trabalho e a geração líquida de empregos

Avalia o compromisso do projeto com responsabilidades sociais e trabalhistas, programas de saúde e educação e defesa dos direitos civis. Avalia, também, o incremento no nível qualitativo e quantitativo de empregos (diretos e indiretos) comparando-se o cenário do projeto com o cenário de referência.

c) Contribuição para a distribuição de renda

Avalia os efeitos diretos e indiretos sobre a qualidade de vida das populações de baixa renda, observando os benefícios sócio-econômicos propiciados pelo projeto em relação ao cenário de referência.

d) Contribuição para capacitação e desenvolvimento tecnológico

Avalia o grau de inovação tecnológica do projeto em relação ao cenário de referência e às tecnologias empregadas em atividades passíveis de comparação com as previstas no projeto. Avalia também a possibilidade de reprodução da tecnologia empregada, observando o seu efeito demonstrativo, avaliando, ainda, a origem dos equipamentos, a existência de *royalties* e de licenças tecnológicas e a necessidade de assistência técnica internacional.

e) Contribuição para a integração regional e a articulação com outros setores

A contribuição para o desenvolvimento regional pode ser medida a partir da integração do projeto com outras atividades sócio-econômicas na região de sua implantação.